

A DIMENSÃO AUTOBIOGRÁFICA EM *LORDE*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

THE AUTOBIOGRAPHICAL DIMENSION IN *LORDE*, BY JOÃO
GILBERTO NOLL

Tassia Kleine¹

RESUMO: As autobiografias ficcionais, conforme apontado por Tim Whitmarsh em seu artigo “An I for an I: Reading Fictional Autobiography”, têm muitos de seus efeitos desconsiderados pelas abordagens predominantes nos estudos narratológicos. Com base nas observações do autor, pretende-se aqui pensar o estatuto do gênero em períodos distintos, considerando-se, por meio de incursões teóricas, tanto as limitações das ferramentas de análise vinculadas a escolas formalistas quanto das de correntes marcadamente sociológicas. Após esta breve exposição, concentraremos-nos no romance *Lorde*, de João Gilberto Noll, publicado em 2004. Interessam-nos particularmente as possibilidades estéticas decorrentes do aproveitamento de elementos referenciados no discurso autobiográfico e a discussão em torno da delimitação entre os gêneros narrativos no que diz respeito ao seu comprometimento com a representação da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia Ficcional; João Gilberto Noll; *Lorde*; Literatura Brasileira Contemporânea.

ABSTRACT: Fictional autobiographies, as pointed out by Tim Whitmarsh in his article “An I for an I: Reading Fictional Autobiography”, have many of their effects disregarded by the predominant approaches in narratological studies. Based on the author’s observations, the intention here is to think about the status of the genre in different periods, considering, through theoretical incursions, both the limitations of analysis tools linked to formalist schools and those of markedly sociological currents. After this brief exposition, we will focus on the novel *Lorde*, by João Gilberto Noll, published in 2004. We are particularly interested in the aesthetic possibilities resulting from the use of elements referenced in the autobiographical discourse and the discussion around the delimitation between the narrative genres in what concerns its commitment to the representation of reality.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Paraná – Brasil. Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Paraná – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-9842-465X>. E-mail: tassiak@gmail.com

KEYWORDS: Fictional Autobiography; João Gilberto Noll; *Lorde*; Contemporary Brazilian Literature.

1 Introdução – movimentos críticos em torno das autobiografias ficcionais

Como reação às abordagens críticas do texto literário predominantes até o início do século XX, que o analisavam sobretudo em sua relação com outras áreas do conhecimento humano – principalmente com a psicologia, a história e a sociologia –, a Escola Formalista se lança ao projeto de definir quais seriam as especificidades da literatura, desenvolvendo uma série de métodos de natureza científica que teriam como objeto privilegiado a literatura por ela mesma. São relegadas, assim, a uma posição menos fundamental da análise as participações na obra literária de elementos provenientes de discursos de outras modalidades.

Ao mesmo tempo em que tais procedimentos contribuem para a compreensão da literatura enquanto construto autônomo, decorrem de seu emprego institucionalizado uma série de limitações, excluindo-se frequentemente considerações acerca de aspectos relevantes da produção das obras. Se tal redução é inevitável quando se opta por qualquer linha de análise, o que se problematiza aqui é a automatização do uso, para a realização de crítica literária, de esquemas vinculados à narratologia.

Diante da série de questionamentos possíveis acerca de tal instrumentário, interessam-nos principalmente aqueles que se direcionam a textos, sobretudo romances, que abrigam em si personagens imigrantes², originárias de narrativas comprometidas com a historicidade, e que

² Terence Parsons, em *Non existent Objects* (1980), ocupando-se da questão da existência ou não existência de entidades concretas, elaborará, no subcapítulo “Immigrant and Native Objects”, dois conceitos que definem os modos de construção dos entes ficcionais. Serão chamados de *imigrantes* aqueles que tenham existência prévia, como construtos complexos, em outro contexto; e de *nativos* aqueles cujas propriedades mais significativas se estabeleçam no contexto ficcional a que se referem no momento da escrita.

apresentam a si e a figuras e circunstâncias de seu contexto original por meio de um discurso em primeira pessoa. Embora o foco deste estudo seja o romance *Lorde* (2004), do escritor contemporâneo João Gilberto Noll, mostraram-se interessantes breves incursões a outros textos ficcionais no decorrer da exposição de cunho teórico.

Vale ressaltar que pouco adiantaria, ao abandonar as elaborações teóricas dos formalistas como ferramenta privilegiada para a apreciação dos textos literários em questão, determo-nos nas propostas críticas de correntes mais sociológicas, cujo valor altamente empírico concedido aos elementos referenciados certamente não atende às propostas de figuração presentes em nosso *corpus* ficcional. Articuladas plenamente às tramas analisadas, as personagens originárias de outras modalidades de discurso não têm sua representação manifesta com primazia sobre os outros componentes das construções literárias a serem mencionadas.

Interessa-nos, assim, o cotejo entre essas duas formas críticas diametralmente opostas para a realização da leitura do romance do escritor porto alegreense. Iniciaremos nosso artigo com um breve panorama acerca do estatuto e das possibilidades de leitura das autobiografias ficcionais, verificando em que medida as abordagens críticas mais frequentes contemplam aspectos relevantes para a construção dos sentidos e dos efeitos que se podem inferir das tramas que se enquadram nessa modalidade. Em seguida, partiremos das discussões apresentadas para nos concentrarmos na leitura de *Lorde*.

Não é sem estranhamento, julgando como pura manifestação de ingenuidade da sociedade brasileira do século XIX, que o leitor contemporâneo interpreta uma das passagens mais mencionadas da vida do dramaturgo Qorpo-Santo. Antecipando-se aos autores mais reconhecidos do Teatro do Absurdo, sua obra foi utilizada como uma das evidências de sua insanidade em 1862 – acontecimento que conduziu à sua interdição judicial por um período de seis meses. Outros eventos da história da literatura apresentam-nos essa interferência mais direta do discurso ficcional na vida de seus autores. Antes da bandeira da delimitação entre os gêneros ser tão veementemente levantada pelos formalistas, as produções ficcionais eram percebidas sobretudo em sua relação com a história, a psicologia e as ciências sociais, justificando-se assim acontecimentos como o julgamento a que Flaubert foi submetido pelo tratamento conferido à moral da época em seu *Madame Bovary* (1857). Quanto à literatura clássica, essa mesma relação com o texto literário pode ser verificada se considerarmos, por exemplo, a crítica à produção de Apuleio realizada na Antiguidade. Na introdução da edição consultada de *O Asno de Ouro* (séc. II d. C.), escrita pela tradutora Ruth Guimarães, consta que a habilidade do autor com as palavras teria sido um dos motivos pelos quais ele foi acusado de bruxaria, atividade considerada grave na época – felizmente essa mesma habilidade foi utilizada com sucesso, a julgar pelos registros disponíveis, em sua autodefesa.

Ora, considerando-se tais eventos, mesmo que atualmente os textos ficcionais que os originaram sejam vistos sob outra perspectiva, é interessante refletirmos acerca da delimitação entre os gêneros narrativos, sem ignorar a área difusa entre categorias distintas, em outros tempos e sociedades. É política um tanto quanto ingênua pensarmos meramente que não havia, ainda, sido desenvolvida uma terminologia que suportasse as produções ficcionais de outrora e que, desenvolvendo-a, compreenderíamos com mais plenitude os textos tanto de nossa época quanto das anteriores. Não há, afinal, já na

República de Platão e na *Poética* de Aristóteles uma preocupação clara com a conformação de produções textuais a um determinado tipo?

Essa consciência, entretanto, era manifesta de outras formas em textos clássicos:

While ancient literary critics were well acquainted with genre and genre distinctions, this does not imply that these distinctions were universally followed, which brings us to the second proviso. While generic and aesthetic distinctions were recognized in antiquity, neither the critics nor authors adhered to the rules of genre. Often writers, critics and authors alike, would acknowledge the principles of generic construction, and then ignore them in their own compositions. Philosophical reasons aside, the existence of texts that do not conform to the rules of *decorum* would provide an impetus for literary critics to take up the pen in defense of aesthetic sensibility. (SMITH, 2007, p. 187).

A questão, assim, mostra-se mais complexa do que poderíamos supor; afinal, verifica-se em textos antigos a consciência da categorização por gênero e a realização de um jogo, na composição ficcional, entre o conteúdo e a conformação a um tipo narrativo específico. Pensar, de pronto, nessas elaborações como etapas de uma concepção ainda em desenvolvimento, das quais nossa cultura colheria os frutos maduros, decorre de limitações no que diz respeito ao olhar para a produção de épocas passadas. Se não podemos negar a importância da crítica moderna e de sua terminologia sofisticada para organizarmos nosso conhecimento acerca de textos antigos, não devemos perder de vista que essa é tão somente uma forma de percepção intrinsecamente vinculada ao nosso tempo. Pensarmos na história como um *continuum*, cujo progresso constante tornaria o momento presente instância privilegiada para a compreensão dos acontecimentos, é atitude questionável, conforme já exposto por Walter Benjamin em seu texto “Sobre o conceito de história”, uma vez que não é possível observarmos as coisas tais quais elas aconteceram, mas somente inferir dos registros disponíveis elementos que respondam às solicitações de nosso próprio tempo:

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. “A verdade nunca escapará” – essa frase de Gottfried Keller caracteriza o ponto exato em que o historicismo se separa do materialismo histórico. Pois irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente, sem que este presente se sinta visado por ela. (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Ou seja, pretender abarcar a verdade sobre eventos passados – e incluem-se em eventos, também, formas de leitura de um texto – se mostra atividade inevitavelmente malograda. Nossa proposta, nesse sentido, consiste em trazer à tona características prováveis da recepção literária de outras épocas em moldes que fogem às proposições dominantes na crítica moderna, pensando, também, no quanto elas respondem a questionamentos que perpassam nossa leitura contemporânea. O enfoque na autobiografia ficcional solicita esse empreendimento. Esse tipo de narrativa, afinal, conforme apontado por Tim Whitmarsh, tem em sua raiz o jogo entre o eu que enuncia o discurso, efetivamente vinculado à figura do autor, e o caráter marcadamente ficcional do texto que o abriga. Remetendo-se à crítica d’*O Asno de Ouro* escrita por Agostinho de Hipona, pela qual percebemos que os acontecimentos que permeiam o livro de Apuleio teriam sido imediatamente vistos como vivências do autor, ainda que de veracidade duvidosa, Whitmarsh aponta que esse ilusionismo seria um dos efeitos fundamentais à leitura das autobiografias ficcionais:

Fictional autobiography is a form of illusionism. In Augustine’s response to Apuleius, the authorial ‘I’ slides fictitiously into the (narratorial) alter ego, even as the reader retains an awareness of the irreducible fictionality of the process. Viewed from the perspective of aesthetics, it is not a case of mistaken narratological identity, but a conventional instance of illusionistic impersonation, a textual mimicking of the performative conventions that cluster around rhapsodes and actors. (WHITMARSH, 2009, p. 62).

Nota-se, assim, que na raiz da elaboração dessa modalidade textual, é perceptível o entrecruzamento de autor e narrador, instâncias em cuja distinção

situa-se uma das bases da crítica literária com a qual somos familiarizados hoje. Se não considerarmos a atuação conjunta dessas duas entidades, no entanto, não colocamos em questão uma série de efeitos propostos pelos textos cuja categoria analisamos. Apontando-nos o paradoxo intrínseco às autobiografias ficcionais³, Whitmarsh expõe seu raciocínio de acordo com o qual a convergência entre as identidades do autor e do narrador daria o tom performático do gênero em questão:

Acting is thus conceived of as a form of *illusion*, a central concept in Greek aesthetics. (...). The paradoxal nature of the illusion – it fools you that it is real, when you know all along it is a fiction – is a running theme of much ancient rhetorical and literary criticism, particularly that in the orbit of literature vividness (*enargeia*). What illusion does, primarily, is elide textuality, while simultaneously insisting on it. (WHITMARSH, 2009, p. 60).

Essa ilusão, à qual seríamos expostos durante a leitura de uma autobiografia ficcional, seria, ainda de acordo com Whitmarsh, a da criação de uma identidade. Dentre os efeitos possibilitados por essa forma de construção, destaca-se a oscilação entre o sucesso da empreitada ficcional – obtido nos momentos em que somos levados a acreditar na representação/na simbiose entre autor e narrador – e a exposição de sua artificialidade (WHITMARSH, 2009, p. 61). Esse encontro entre as duas instâncias, a marcadamente ficcional e a biográfica, evidencia a quebra das normas de gênero a que se submete a narrativa, projetando com mais intensidade a figura do autor. Se a nós, leitores contemporâneos, parece claro que a presença dos elementos biográficos constitui a quebra em textos que reconhecemos prontamente como ficcionais – relembrando aqui que “Genre, at least in part, serves to form a binding contract (to varying degrees) between the author and the audience” (SMITH, 2007, p.

³ “The idea of ‘fictional autobiography’ is a deliberate paradox, since (as Philippe Lejeune has argued) the ‘autobiographical contract’ (whereby author and narrator are assumed to be identical) categorically excludes the ‘fictional contract’ (the prerequisites of which are non-identity between the two and overt fictivity).” (WHITMARSH, 2009, p. 58)

185) –, não podemos deixar de considerar legítimas as leituras que partam de outra perspectiva e que proporcionem, assim, diferentes efeitos, conforme ocorria com mais frequência antes do estabelecimento e da consagração das abordagens formalistas. Desconsiderar de imediato possibilidades menos correntes de interpretação, ou enxergá-las como mero item para que se desperte comicidade, é desconsiderar, também, as características metalinguísticas e principalmente o diálogo com fatores extratextuais dessas formas de elaboração textual.

Mesmo com todo o aparato terminológico e pretensão de objetividade com que se analisam, e não de maneira inútil, obras literárias no contexto acadêmico, não se pode dizer que o ilusionismo a que nos submetemos ao lidarmos com autobiografias ficcionais tenha se dissipado. É esse aspecto que não se pretende perder de vista na análise que se empreenderá no próximo item. Se apresentamos, já no início do presente tópico, motivos pelos quais se mostra benéfica, em termos práticos, a desvinculação entre o texto ficcional e as formas de discurso comprometidas com a realidade empírica, interessa-nos agora agir na contramão dessa tendência a fim de explorar características do romance de João Gilberto Noll que se tornam evidentes quando postas em relação com a figura do escritor.

3 A dimensão autobiográfica em *Lorde*, de João Gilberto Noll

Mesmo ao leitor que desconheça maiores particularidades da trajetória pessoal de João Gilberto Noll, sobressaem-se, em *Lorde*, características que aproximam o narrador (e protagonista) de sua figura: a personagem com a qual lidamos no decorrer do romance é também um escritor brasileiro, proveniente de Porto Alegre, com produção já significativa e que se aproxima da meia-idade. Esse entrelaçamento entre os âmbitos ficcional e extraficcional se torna ainda mais evidente ao verificarmos que tanto autor quanto narrador passaram uma

temporada em Londres. Enquanto Noll o fez a convite do *King's College*, para atuação como escritor residente, na trama ficcional não se explicita a natureza da instituição que o teria chamado; sabe-se, porém, que é devido às suas publicações prévias que sua presença interessa aos responsáveis pela sua estadia em Londres. A falta de nitidez no romance a respeito das funções a serem realizadas em território estrangeiro ocorre, provavelmente, em instâncias menos superficiais do que aquelas referentes à nomenclatura do cargo a ser desempenhado. Ou seja, não é impraticável pensarmos também na falta de clareza acerca das próprias atividades como um ponto de contato entre as individualidades do autor e do narrador, o que atribuiria um caráter metaficcional à obra – recurso bastante comum na literatura pós-moderna.

Além dos pontos de contato entre experiência do autor e construção ficcional apontados acima, sem o conhecimento dos quais a organização interna do romance não seria necessariamente prejudicada, há outros fatores que garantem a obtenção do efeito de ilusionismo a que Tim Whitmarsh se refere ao abordar a recepção de autobiografias ficcionais na antiguidade. Trata-se do modo pelo qual ocorrem as transgressões e assinalam-se as instabilidades da *representação* – ou seja, dos desvios do curso mimético que se manifestam por meio de formas variadas. Nota-se, por exemplo, no trecho abaixo, a forma como a artificialidade é ressaltada por meio de terminologia que nos remete ao caráter ficcional da produção:

Não parecia que aquele homem afirmasse ser estudioso da minha obra e que pedisse uma entrevista a mim para suas pesquisas. Diante dele eu me sentia um homem sem ação, um mísero escrevinhador de horas necrosadas. Ele me ofereceu a mão para me levantar do vaso. Sentiu que eu estava refluindo para um ponto distante do meu personagem e que depois seria mais difícil de me pescar. Era preciso me reanimar ali, agora. Mal sabia ele que as lágrimas que eu derramara se constituíam em bom indício. Não fazia idéia exatamente de quê. Mas alguma coisa em mim deixara a forma de cristal, amolecera e se escoava, ia embora. (NOLL, 2004, p. 48).

Essa quebra é verificável, ainda, quando o narrador sofre uma verdadeira metamorfose, adquirindo a forma física de outro indivíduo (NOLL, 2004, p. 109), e nos processos que antecedem essa transformação, marcados por atitudes delirantes e pela aparente indiferença ao seu comportamento bizarro por parte das outras personagens. O fato de a narrativa ser constituída em grande medida por um fluxo de consciência, desvinculando-se de formalizações realistas que possuem como característica central a obtenção do efeito de representação da realidade em relação à experiência pessoal daquele que narra, também pervertem a sensação de se estar diante de uma exposição verdadeira dos fatos.

A série de quebras das convenções autobiográficas, entretanto, não impede a percepção dessa instância no desenrolar do romance, e seguimos a leitura com o conhecimento de estarmos lidando com construção ficcional sem, no entanto, conseguirmos nos desvencilhar dos efeitos de caráter representacional que se marcam pela constatação da relação do texto com a individualidade do autor. Nossas questões agora são: de que maneira isso ocorre? De que maneira validamos continuamente a dimensão biográfica?

Antonio Candido, em seu prefácio para o livro *O discurso e a cidade*, apresenta-nos um breve raciocínio acerca da relação que se estabelece entre realidade e ficção. Sendo a narrativa invariavelmente o ponto de chegada após um percurso que inclui incursões tanto a elementos da realidade quanto a outros discursos, interessam-nos, para pensarmos no construto literário como entidade autônoma, os processos pelos quais a realidade do ser e do mundo passam antes de constituírem o texto ficcional em si. A esses procedimentos o crítico brasileiro atribui os termos *formalização* ou *redução estrutural* – e é por intermédio desses que devemos observar os elementos e eventos referenciados, não sendo cabível pensá-los como *verdadeiros* ou *falsos*, mas

apenas como construtos que em sua manifestação projetam uma série de efeitos e sentidos, aos quais devemos nos ater sob o prisma do *pacto de ficcionalidade*⁴.

Nesse sentido, os aproveitamentos de características autobiográficas no romance de João Gilberto Noll nos interessam à medida que propõem sentidos e efeitos ao texto. Articulando-se à trama essa função, seria ingênuo pensá-los como meros itens para a composição de um pano de fundo – não há primazia das referências à vida do escritor sobre os outros elementos, posto que tal enfoque provavelmente dificultaria o desenvolvimento narrativo e reduziria a qualidade ficcional, mas essa presença e o olhar atento a ela ampliam, sim, as possibilidades estéticas: ou seja, a observação do diálogo entre as instâncias literárias e extraliterárias é válida para análise, sem que se precise incorrer aos critérios de avaliação empregados no estudo de biografias ou autobiografias que não se apresentem como ficcionais⁵.

O entrecruzamento das individualidades que se verifica no texto permite, ainda, que se coloque em questão a relação estabelecida entre o próprio desenvolvimento da individualidade e o gênero (auto)biográfico. Conforme apontado por Justin M. Smith, não é a busca pelo atendimento às normas de determinada categoria que marca o fazer ficcional de determinada cultura, mas sim a ideologia de sociedades específicas que delinea as molduras

⁴ Walter Mignolo, em seu texto “Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa” (1993), defenderá não ser a carga de “verdade” ou de “mentira” identificada em um texto o que o enquadrará em categorias como “narrativa histórica” ou “narrativa literária”, por exemplo. A natureza do texto, nesse sentido, será definida exclusivamente pelo pacto em que ele se insere. O texto que se queira mostrar ao leitor como possuidor de acontecimentos referenciados e que possa, então, ser considerado “verdadeiro” ou “mentiroso”, será um texto inserido no *pacto da veracidade*, enquanto tais diretrizes não devam ser consideradas como critérios de valoração para pensarmos sobre o estatuto de textos ficcionais.

⁵ Vale lembrar que, conforme Lejeune, é antes a inserção em um pacto, e não características formais, que indica se a natureza do texto será ou não autobiográfica. Tal inserção ocorreria e se tornaria perceptível aos leitores, em grande medida, por meio de elementos paratextuais. Se, conforme já visto ao mencionarmos a leitura d’*O Asno de Ouro* empreendida por Agostinho, o pertencimento ao gênero em questão nem sempre se mostrou claro, buscamos observar esse item de nossa análise com base em discursos mais atualizados acerca da natureza das autobiografias.

nas quais serão inseridos os textos produzidos (SMITH, 2007, p. 190). Estabelecendo e adotando moldes que dialoguem com o seu tempo de produção, os textos ficcionais se inserem no processo de transformação das concepções de sua cultura, buscando atender às solicitações que a interessam.

Luiz Costa Lima, em seu texto “Persona e sujeito ficcional”, apresenta-nos uma concepção do desenvolvimento do sujeito que muito se aproxima das que se verificam quando está em questão o desenvolvimento de formas narrativas: de nosso entorno, mais especificamente da relação com o outro, da imagem e da aquisição de linguagem, tiramos o material para nos criarmos socialmente – ou, utilizando o termo empregado pelo crítico, modelamos a nossa *persona*. A essa instância, continuamente renovada pela admissão de novos papéis, permanecemos associados para o nosso agir no mundo (LIMA, 1991, p. 44-45), e é à sua voz, desenvolvida então por pressupostos que se aproximam daqueles que marcam a elaboração de narrativas, que daremos lugar no momento do falar de si, inclusive por meio de textos ficcionais.

Manifestando-se em *Lorde*, a um só tempo, a *persona* de João Gilberto Noll e o sujeito ficcional que protagoniza e narra o romance, é notável o sentido que adquirem ao leitor contemporâneo ambas as representações de individualidade, ambas desenvolvidas em conformidade com a ideologia de nossa cultura e de nossa época. Se com as expressões ficcionais não há o comprometimento referencial com o discurso biográfico ou histórico, é perceptível sua associação a projeções que permeiam o sujeito contemporâneo, como, por exemplo, questionamentos em torno do caráter uno do eu, cuja discussão é potencializada com o advento da pós-modernidade:

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não surpreender o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. Pois é, no espelho apenas um: ele. Alguém escapara pela porta do quarto? Mantive-a aberta,

precisava pensar... Resistia ainda qualquer excrescência de minha figura para poder ter ido embora? Ah, não: fechei a porta, passei a chave. (NOLL, 2004, p. 109).

Constata-se, enfim, que a leitura do romance pelo viés ficcional é imprescindível à sua própria legibilidade – entretanto, não é sem os sentidos lógicos e ideológicos provenientes da relação entre ficção e realidade que o leitor contemporâneo percorrerá as páginas de *Lorde*. A dimensão autobiográfica, nesse sentido, reitera os processos aos quais invariavelmente nos lançamos durante a leitura de narrativas de qualquer espécie, colocando em questão, por meio de um diálogo sucessivo e sem abrir mão de sua autonomia, os fenômenos estruturais, ideológicos e estilísticos que perpassam a nossa época. Se é possível empreender análises em que esses procedimentos não sejam mais do que superficialmente mencionados, conforme se verifica no projeto formalista, não se deve perder de vista que tais formas de abordagem desconsideram aspectos relevantes no que diz respeito à participação da literatura em processos que ultrapassem aqueles estritamente textuais.

REFERÊNCIAS

APULEIO, Lúcio. *O Asno de Ouro*. Trad. Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, s/ data.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre azul, 2004.

LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio. *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

NOLL, João Gilberto. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.

PARSONS, Terence. *Nonexistent Objects*. New Haven: Yale University Press, 1980.

SAMOYAUULT, Thipaine. *A Intertextualidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

SMITH, Justin M. *Genre, Sub-Genre, and Questions of Audience*. JGRChJ, 4 (2007), 184-216. Disponível em <http://igrchj.net/volume4/JGRChJ4-6_Smith.pdf>. Acesso em 07/07/2024.

WHITMARSH, Tim. An I for an I: Reading Fictional Autobiography. *CentoPagine, III* (2009), 56-66. Disponível em <<https://www.openstarts.units.it/server/api/core/bitstreams/4addbcba-7f1e-471c-a441-e4f5c5c9d14d/content>>. Acesso em 07/07/2024.

Recebido em 20/06/2023.

Aceito em 25/04/2024.